

---

## PEDAGOGIA: NOTAS SOBRE A EDUCAÇÃO E A ALTERIDADE<sup>1</sup>

**Autores\***

**RESUMO:** O objetivo deste trabalho é a de apresentar para as pessoas que lidam diariamente com a educação, algumas observações sobre esta atividade tão importante. Para tanto, foram selecionados artigos de alunos graduandas no Curso de Pedagogia, que versam sobre algumas áreas de interesse do pedagogo e do público em geral para serem apresentados em conjunto. Na primeira parte deste artigo, estão apresentados trabalhos sobre a inclusão na escola, de crianças com necessidades especiais, bem como sobre a construção de ambientes alfabetizadores e sobre a nossa tão rica pluralidade sócio-cultural. Já, na segunda parte do artigo, estão reunidos os trabalhos sobre a educação sexual, algumas notas sobre a repetência e a indisciplina escolar, bem como sobre a educação infantil e a importância do lúdico nesta fase de aprendizagem.

**Palavras-Chave:** Inclusão social. Alfabetização. Educação sexual. Repetência escolar. Indisciplina escolar. Educação infantil.

**SUMMARY:** The aim of this paper is to introduce to people who are constantly dealing with teaching some remarks concerning the importance of this activity. For such matter some articles that cover areas of interest of pedagogues and the public in general have been selected and compiled. In the first part of this article papers about the inclusion in school of children with special needs will be presented, as well as the building of an alphabetizing environment and our rich social and cultural plurality. In the second part of the article there is a compilation of papers on sexual education, notes on school indiscipline and failure, as well as topics concerning children's education and the importance of ludic activities in this stage of learning.

**Keywords:** Social inclusion. Alphabetizing. Sexual education. Failure. School indiscipline. Children's education.

### PARTE I

#### 1 UM SONHO REAL

Vivemos um momento histórico caracterizado por mudanças, turbulências e crises, mas também marcado pelo surgimento de oportunidades. Essa situação pode ser constatada em diversas áreas e, entre elas, na área da deficiência. Para tanto, basta olharmos à nossa volta: existem hoje mais pessoas portadoras de deficiência pelas ruas e locais públicos, ocupando espaços que, anteriormente, dificilmente ocupariam, por exemplo, no esporte, com as paraolimpíadas; no jornalismo, com Marcelo Rubens Paiva.

---

<sup>1</sup> Artigo apresentado pelas Graduandas do Curso de Pedagogia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ituverava – Fundação Educacional de Ituverava.

\*(Seus nomes constam na última página).

Esses exemplos e muitos outros mais indicam que há um sonho real, um processo social em curso, denominado “inclusão” pelos estudiosos: de um lado, a sociedade começa a perceber a existência de pessoas portadoras de deficiência e, começando a organizá-las; de outro lado, as próprias pessoas com deficiência começam a se mostrar, a reivindicar seus espaços, a exercer seu papel de cidadãs.

Um sonho real que começa, finalmente, aparecer gradualmente. Para que a inclusão aconteça, é preciso modificar séculos de história, de preconceitos muito arraigados de ambos os lados, e isso apenas o tempo e o trabalho irão suplantar.

A inclusão, apesar de todos os mitos, é um processo simples que permite o crescimento holístico dos agentes envolvidos, independentemente de idade, gênero, etnia, condição econômica ou social, física ou mental.

Mas como pensar em incluir e, mais ainda, como exercer a inclusão se não conhecer essas pessoas, se não temos informações sobre elas, enfim, se elas não existem para nós? Primeiro, nós, como educadores, precisamos nos conscientizar a respeito deles, ter em mente, sempre, a responsabilidade social que nos foi conferida e participar decisivamente do esforço de inclusão, como diz o depoimento da professora Gláucia F. A. Pinho, responsável pela inclusão do aluno Geraldo (nome fictício).

“A minha primeira experiência com criança especial está acontecendo com Geraldo, certamente vem sendo muito gratificante. Posso conhecer seus sentimentos, suas capacidades e fraquezas. Quando começou a frequentar minha sala de aula, pensei que não iria conseguir incluí-lo na turma. Os dias foram passando e me dei conta de que não saberia como trabalhar com o mesmo e logo me preocupei. Com o apoio da fonoaudióloga que acompanha Geraldo devido a sua deficiência auditiva, obtive recursos e estímulos para conhecer e vencer desafios, tornando a inclusão um sonho real”.

Por isso, acreditamos que a inclusão é o passo mais correto na vida das pessoas portadoras de qualquer deficiência. A interação com outras pessoas pode despertar aprendizados eternos para a conquista de um espaço digno e promissor, garantindo a esperança de futuro na sociedade.

---

## **2 UMA LONGA HISTÓRIA EM DEFESA DE OPORTUNIDADES IGUAIS PARA TODOS**

Segundo a Política Nacional de Educação, especial é aquele que apresenta necessidades próprias e diferentes dos demais alunos no domínio das aprendizagens. Estes classificam-se em:

- portadores de deficiência (mental, visual, auditiva, física, múltipla);
- portadores de condutas típicas (problemas de conduta);
- portadores de altas habilidades (superdotados).

Durante muito tempo, as pessoas portadoras de deficiência eram ignoradas, renegadas e também sacrificadas. Somente no século XX, os portadores de deficiência passaram a ser vistos como cidadãos com direitos e deveres de participação social.

Entre os documentos a favor da inclusão, talvez o mais importante seja a Declaração de Salamanca, que oficializou o termo *inclusão* no campo educacional, através da qual as escolas deveriam acomodar todas as crianças, independentemente de suas condições físicas e intelectuais.

No Brasil, a Constituição Federal, em seu artigo 208, inciso III, assegura atendimento educacional especializado aos portadores de deficiência, estabelecendo que todos são iguais perante a lei, e que a lei punirá qualquer discriminação. A nova LDB avança na ampliação do atendimento pela rede regular de ensino, ampliando a responsabilidade do ensino público.

Mas, será que a escola e, principalmente, os educadores estão preparados para essa inclusão? Um dos problemas mais difíceis a ser enfrentado pelos educadores é colocar em prática a educação especial, como organizar a aula, como propiciar o desenvolvimento e aprendizagem da criança com necessidades especiais, como manejar as diferenças.

Na há dúvida de que, a partir da construção desse problema, o primeiro passo deve ser a necessidade de reformular a formação do educador. Afinal, não se pode deixar de reconhecer que o professor necessita de ajuda para atender aos pressupostos de uma educação inclusiva.

## **3 PLURALIDADE CULTURAL: DIFERENÇAS QUE CODIFICAM UMA MISTURA DE OURO**

Este tema já vem sendo trabalhado em salas de aulas brasileiras, de acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais. Atualmente, as diferenças sócio-culturais e econômicas vêm exigindo o trabalho para a conscientização da cidadania.

O objetivo primordial desse trabalho é levar a criança a “adquirir conhecimento da diversidade do patrimônio étnico-cultural brasileiro, tendo atitudes de respeito com as pessoas e grupos que o compõem, reconhecendo a diversidade cultural como o direito dos povos e dos indivíduos e elementos de fortalecimento da democracia e valorizar as diversas culturas presentes na constituição da identidade brasileira”. (PCNs. v.10 – Pluralidade Cultural, p.59).

Em tempos de globalização, é importante que o educador tenha um olhar amplo, com a finalidade de levar os alunos a adquirirem conhecimento de outros povos e de suas culturas. A meta primordial desse trabalho é possibilitar à criança conhecer melhor a si mesmo e aos outros, contribuindo para que possa preservar e respeitar as diversidades culturais, pois, apesar das diferenças, a criança é a mesma em qualquer parte do mundo.

Cabe aos professores valorizar a herança da convivência familiar que cada aluno traz consigo, sendo intermediador na formação psicológica de cada um com o intuito de auxiliar esses alunos a adquirir conceitos de cidadania, tornando-o crítico, coerente e participativo.

Um dos trabalhos do professor na sala de aula é levantar questões mobilizadoras e reflexivas como:

- a) o respeito dos diferentes modos de vida de cada indivíduo;
- b) o respeito às diferenças quanto à raça, cor, religião, sistemas sócio-culturais e econômicos bem como a alimentação e costumes através das convivências sociais;
- c) valorização na contribuição sócio-cultural que os índios, como também outras raças como os negros, proporcionaram-nos;
- d) identificação das regiões brasileiras, conhecendo a localização de diferentes grupos étnicos, em diferentes momentos da nossa história e o significado dessa contribuição na composição de características regionais e assim por diante. (PCNs. v.10 – Pluralidade Cultural, p.97).

Um critério avaliativo fundamental é a auto-avaliação, a fim de levar os alunos a verificarem o nível de aprendizado que adquiriram, dar opiniões sobre assuntos abordados durante a execução do projeto e finalizar com um paralelo de diversidades culturais.

---

#### 4 COMO CRIAR AMBIENTES ALFABETIZADORES

O ambiente alfabetizador foi uma proposta de Emília Ferreiro, sugerida no momento de estudos sobre o construtivismo. Pois, o mesmo, estaria preocupado com o processo de ensino. Então, Emília, verificando que o indivíduo é capaz de construir seu próprio conhecimento, incentiva espaços onde seja estimulado o processo de leitura, criando ambientes em sala de aula que possam mostrar o universo de linguagem escrita obtido pela nossa sociedade letrada.

Esta necessidade foi verificada quando Emília Ferreiro percebeu que cada criança tinha um ritmo individual, tendo muito a ver com o seu convívio com textos diferentes. Dessa forma, crianças que vivem em ambientes com pais letrados e que se utilizam sempre do código escrito, logo aprendem a ler; enquanto que outras que não têm contato com a língua escrita, demoram a compreender o processo da língua.

Assim, Emília Ferreiro pensou no universo de crianças que não possuem, em seus lares, ambientes que facilitem a alfabetização. Sendo assim, propôs que se criasse esses ambiente na sala de aula para suprir uma carência social. Para ela, o conhecimento das funções sociais não impede que as crianças mantenham a idéia de que o que se escreve são os nomes dos objetos; a ausência de conhecimento sobre a função social também é compatível com a mesma de que textos servem para exemplificar este projeto.

Por isso, a autora acredita que haja necessidade de ampliar o conceito de ambiente alfabetizador, acatando o desafio de trazer o mundo da criança para dentro da escola, já que alfabetizar crianças está muito além de fazer conhecer letras e sons, decifrando códigos da escrita. Alfabetizar requer fazer conhecer o mundo que nos cerca. Portanto, fazemos parte de uma sociedade que fez de seu mundo, um mundo envolvido pelas letras por todos os lados, cheio de significados.

E como ensinar o prazer de ler? Podemos ensinar alguém a ter prazer? Para Freud, o prazer está no inconsciente. Acreditamos que o prazer surge quando a criança faz atividades que estimulem sua criatividade, sua liberdade de movimentos através de jogos pedagógicos e lúdicos. No ato de aprender a ler, se associarmos ao prazer, estaremos dando um sentido ao ato de ler. Sendo assim, a criança, envolvida com a descoberta de novos desafios, viria descobrir prazeres que a leitura e a escrita podem proporcionar.

Daí a importância do ambiente, em que se dá a alfabetização, ser afetuoso, e a educação superar as limitações e reduzir efeitos de conseqüências emocionais. Mas essa importância precisa ser mais expressiva do que infinita. As crianças, nesse contexto, serão capazes de modelar seu próprio processo de conhecimento, por isso precisamos pensá-las como agentes de transformação. É por esse caminho que precisamos pensar em ambientes alfabetizadores.

Fazer de nossas salas de aula um espaço em que o aluno possa escolher o que ler, estaremos, além de alfabetizando, também mostrando um caminho para que a leitura e a escrita façam parte de seu mundo, a fim de que ele se torne um bom leitor, ou seja, que busque significados da língua para sua vida cotidiana e seja, realmente, letrado, que não está ligado apenas à condição de saber ler e escrever, mas cultivar e exercer as práticas sociais que usam a escrita.

E com isso, passamos a pensar que a alfabetização não é como série responsável em aprender a ler e escrever, mas que a função da educação infantil poderá muito estar contribuindo para que esse processo se dê de maneira menos dolorosa para as crianças. Iniciando cedo, mas que esteja ligado estes mecanismos de conhecer o processo ao invés de ensinar letrinhas sem significados para nossas crianças, e dessa forma, tornando as aulas mais atrativas e dinâmicas.

Para trabalhar na educação infantil, devemos conhecer nossas crianças, para que de forma gradual, possamos criar ambientes onde aprender é muito mais que ensinar. Pois, é com elas que aprendemos realmente o que precisamos para seguir em frente. E elas são capazes de nos ajudar a criar ambientes alfabetizadores, considerados únicos. O que verificamos é que dar sentido ao que nos propomos a fazer é onde se encontra a essência do educador. O que adianta saber e fazer tudo isso, se não somos capazes de ouvir nosso aluno, porque não dá tempo ou porque estamos cansados? Precisamos mudar a postura do professor em sala de aula. Estaremos criando ambientes alfabetizadores se quisermos nosso aluno o tempo todo sentadinho e quietinho, sem nada questionar? Somos capazes de criar um ambiente propício à aprendizagem, dependendo da nossa postura com nossas crianças? Antes de pensar em estimular o prazer da criança pelo aprender, precisamos pensar em nos estimular no trabalho diário de alfabetizar crianças.

## PARTE II

### 5 NOTAS SOBRE A EDUCAÇÃO SEXUAL

A educação sexual, como qualquer processo educativo, apresenta efeitos e resultados demorados, muitas vezes observados após muito tempo e, certamente, não tem o poder de transformar todas as atitudes e comportamentos dos jovens.

Não existe idade ideal para iniciar um trabalho de educação sexual, deve acontecer desde sempre. Temos que saber distinguir sexualidade de sexo.

Sexualidade não quer dizer só sexo; a sexualidade se desenvolve ao longo da vida, é marcada pela cultura, tanto como pelos afetos e sentimentos.

Falar de sexualidade é, ao mesmo tempo, falar do individual e do cultural de crenças, emoções e até mesmo de valores.

A sexualidade também tem a ver com desejo, busca do prazer inerente a todo ser humano.

O objetivo geral de um trabalho de orientação sexual é permitir que crianças e adolescentes entendem a sexualidade como aspecto positivo e natural da vida humana, dando oportunidade de livre discussão de formas e padrões de comportamento em relação ao sexo e à discussão das atitudes pessoais frente à sexualidade.

A abordagem da sexualidade deve ter um questionamento mais amplo sobre o sexo, tanto de seus valores e métodos preventivos, para que o indivíduo fique por dentro, e deixe de ser um conjunto de teorias ou práticas formais ou informais. É fundamental desenvolver um trabalho positivo que valorize o ser humano. Nós, educadores, não devemos nunca ignorar a questão sexual na sala de aula.

A escola não substitui nem concorre com a família, mas contribui com a discussão sobre a sexualidade, mostrando vários pontos de vista e valores, passando informações.

Nós, educadores e, também, a escola temos que quebrar esse tabu em relação à sexualidade, promovendo debates entre jovens, passando informações claras e objetivas. Deixar que haja a troca de opiniões entre meninas e meninos da mesma idade, ou de idades próximas, para que possam desenvolver um pensamento crítico e criativo, podendo pensar em seus valores e assumindo uma opinião, um pensamento próprio em relação à sexualidade .

Esse tema é bem abrangente e gera dificuldades para ser posto em prática. Começando pela família, onde a falta de diálogo é muito grande entre pais e filhos, onde os filhos não permitem, de forma alguma, que os pais participem de suas vidas, nem saibam ou conheçam seus amigos ou os lugares que freqüentam. Não sabem de suas dúvidas, muito menos de suas in experiências, ficando, assim, ainda mais difícil falar da questão sexual.

A escola complementa o que é iniciado no lar. Mas, em relação à educação sexual entre jovens e adolescentes, muitos chegam à escola carentes do assunto.

É aí que os professores se deparam com maiores dificuldades, sendo que a participação dos pais é ainda fundamental no processo de educação sexual, pois incentiva o processo de co-responsabilidade do seu “eu”.

Já existem escolas que, com o consentimento da família, abriram um espaço para trabalhar e desenvolver esse tema que tanto preocupa a nossa sociedade. Assim deveriam ser todas as escolas do Brasil, considerando a educação sexual como valorização do ser humano. Formando pessoas mais abertas, bem informadas e capazes, para que amanhã formem famílias diferentes das do mundo de hoje, fechadas, incapazes de ter diálogos com seus próprios filhos.

## **6 NOTAS SOBRE REPETÊNCIA ESCOLAR**

A repetência é o maior problema da educação brasileira, mas parece que pouco se faz para combatê-la. Final de ano é o começo da tormenta para sete milhões de brasileiros, que serão reprovados na escola, rotulados de incapazes e obrigados a freqüentar novamente a série que acabaram de concluir. Assim, a história se repete: muitos fracassam pela segunda vez, outros se cansam da situação absurda e engrossam uma estatística vergonhosa, a da evasão.

Assim, nove milhões de jovens, três vezes a população do Uruguai, deixam de aprender (BENCINI, 2000). No Brasil, até um pequeno Einstein poderia tomar ‘bomba’, pois a repetência é uma epidemia nacional, sendo necessário refletir se a falta é o aluno ou da escola.

Claro que nem todo repetente é um Einstein, mas não é porque derrapou em alguma curva da estrada por esta ou aquela razão que ele seja necessariamente menos capaz ou menos promissor que os outros alunos.

---

A repetência é perigosa, pois separa o joio do trigo. É uma experiência dolorosa para o aluno e onerosa para o país e, no entender de um número cada vez maior de professores, ineficaz para a aprendizagem.

A função da escola é ensinar. Dá trabalho, mas dá muito mais trabalho e custa muito mais caro manter e preservar a estrutura de repetência e punição dos alunos, tornando, dessa forma, grandes dores de cabeça para os governos federais, estaduais e municipais, para diretores, professores e coordenadores.

Para Paulo Roberto Padilha, pedagogo e diretor técnico do Instituto Paulo Freire em São Paulo, “mudar o processo de avaliação faz surgir o respeito aos ritmos e diferenças de cada um. É um caminho para a verdadeira escola cidadã que Paulo Freire pregava” (BENCINI, 2000). A escola não pode conviver com essa vergonha, permitindo que tantos alunos continuem sem aprender. Durante anos, o fracasso foi louvado, pois se acreditava que quanto mais o professor reprovasse, melhor ele era. Engano, se compararmos com a medicina. O bom médico é aquele que mata mais pacientes ou o que salva mais vidas?

Aos poucos, tudo está mudando, os mestres estão percebendo que são os principais responsáveis pela promoção e estimulação do sucesso e também do fracasso dos alunos. Assim, a avaliação torna-se um processo permanente e deixa de ser feito apenas por meio de provas.

Avaliação e recuperação andam juntas; é preciso utilizar instrumentos diversificados e ficar de olho no desempenho dos alunos dia após dia. Se o foco de sua aprendizagem não está nas notas, não espere o fim do bimestre ou do ano para montar um plano de recuperação.

O papel da escola é diferente do que era há alguns anos. As exigências são outras e o papel do professor é o de adaptar-se, deixar de ser um selecionador para tornar-se um gestor de conhecimento, pois todos falam que só haverá espaço no mercado de trabalho para quem possuir bons conhecimentos; portanto, é preciso decidir qual profissional queremos ser: os novos profissionais ou os que preferem reprovar a ensinar?

Não é à toa que Paulo Freire dizia que o aluno deve ser estimulado a construir seu próprio conhecimento, resolvendo problemas trazidos da sociedade. Só assim poderá levar de volta para a sociedade um conhecimento aproveitável e produtivo (Revista Nova Escola, 2002). Segundo a pesquisadora Sara Pain, é precisa abrir um espaço entre o que se quer ensinar e o que o aluno traz em sua bagagem de crenças e ilusões. Assim, não se deve reprovar, mas identificar o que o aluno

foi capaz de alcançar, pois, graduando o ensino, é mais fácil avaliar se os alunos realmente aprenderam; assim, pode-se controlar simples e objetivamente a evolução de cada disciplina.

Como lidar com o repetente:

- confie nele;
- mostre que não está sozinho, ajude-o;
- acredite que ele tirará uma lição positiva do episódio;
- perceba o tempo e a necessidade de uma recuperação. Dê condições para que ele se recupere;
- conheça bem o seu aluno, procure saber o que está acontecendo, pois muitas vezes

o professor vê que o aluno está com dificuldades e vai ficando defasado em relação à sua classe, mas não toma nenhuma atitude, simplesmente, deixa que ele vá acumulando notas baixas e, no final do ano, critica-o, ridiculariza-o diante da classe.

## **7 A INDISCIPLINA: ALUNO – PROBLEMA OU PROFESSOR- PROBLEMA?**

Antigamente não se ouvia falar a palavra “indisciplina”, e os alunos obedeciam e respeitavam ao professor e respeitavam-no ao pé da letra. O professor era o centro de tudo, impunha com autoridade, usando e abusando do seu cargo profissional, era visto assim como o dono do saber, acima de todos e de tudo.

Atualmente, podemos observar acentuadas mudanças na educação e nos “nossos alunos”, passando o professor a ser bipolar, já que ao ensinar também se aprende. Como diz Gadotti (apostila aluno-problema ou professor-problema), “o educador se educa educando”. Os bons educadores devem ter consciência de que estão formando cidadãos e que estes devem sair da escola aptos e capazes de enfrentar os futuros problemas que o mundo lhes impõe a resolvê-los ou tentar encontrar soluções. E o porquê da palavra indisciplina.

Muitos professores reclamam de seus alunos e, ao mesmo tempo, têm dificuldades de se transformarem e de tornarem ciência no que estão trabalhando e convivendo.

Portanto, podemos afirmar que a indisciplina só ocorre quando o professor não dá importância a esses alunos que tanto necessitam de ajuda. Muitos deles tendem a buscar, no professor, um amigo, um companheiro, alguém em quem possam confiar para compartilhar seus problemas e, com isso, sentirem-se seguros.

---

Ao contrário, vemos professores alheios e distantes da realidade desse aluno, que, por sua vez, intimida-se pela onipotência e enorme autoridade do professor, trancando-se para a aprendizagem, surgindo aí a indisciplina, pois o professor rotula o aluno de incapaz dizendo que, provavelmente, será reprovado.

Mas será que o professor refletiu no porquê da dificuldade daquele ou desse aluno? Com certeza, se a indisciplina acontece é porque o mesmo não procurou saber quais as causas que levaram seus alunos a terem tal comportamento.

O professor que não se interessa pelos problemas dos seus alunos estará gerando um aluno humilhado, desestimulado, sem motivação. Então perguntamos: o que os educadores devem fazer?

A resposta é difícil e complicada, porque não está somente nas mãos do professor tal resposta. Deve haver união entre a escola e família, pois essa é a principal causa do surgimento de problemas que vão ser desencadeados na escola. O porquê dessa relação é explicada pela maior permanência do aluno na escola que, por sua vez, juntamente com a família deve realizar um trabalho em conjunto, visando ao bem-estar da criança.

Tanto a escola como a família devem mostrar à criança “limites” de quando receber um “sim” ou um “não”, e a resposta negativa deve vir com uma boa justificativa; caso contrário, o “não” será interpretado como um ato autoritário, levando à indisciplina.

Pensamos que a indisciplina só ocorre devido à má formação pedagógica do professor e de sua falta de afetividade e incompreensão. O professor deve ter conhecimento psicopedagógico para habilitar-se a administrar adequadamente as perturbações que se manifestam no cotidiano das atividades da classe.

O professor deve estar constantemente buscando diferenciadas metodologias, atividades extraclasse de acordo com o nível e a realidade dos seus alunos, visando capacitá-los a uma competição sadia, produtiva e criativa, reforçando, dessa forma, a auto-imagem e a auto-estima do aluno.

Como já sabemos, devemos respeitar a individualidade de cada aluno, buscando o momento certo de aprendizagem, deixando que descubram sua maneira de agir, pensar, criar e vivenciar aquele momento oportuno, mostrando-lhe que tal atividade tem um significativo valor para a sua vida. O professor que é objetivo e consciente do que fala e faz, não é um professor problemático, pois busca solucionar problemas e ajudar seus alunos.

Alguns palestrantes e, até mesmo, professores experientes no assunto afirmam que a indisciplina é culpa dos professores. Se esquecermos os problemas vivenciados pelos alunos, podemos dizer que essa afirmação é verdadeira. A grande realidade é que os pais, de uma certa maneira, estão deixando toda a educação dos seus filhos nas mãos dos professores, o que dificulta muito a aprendizagem. Os pais devem se conscientizar de que o professor é apenas um mediador da educação.

Hoje, além de ensinar, a escola tem a função também de educar. Essa é a futura educação que não devemos abandonar, mas, ao contrário, agarrarmos com muito amor e dedicação, pois é isso que tanto os pais e os nossos alunos esperam de nós, professores, atuantes e atualizados, preparados para receber qualquer tipo de aluno. Acreditamos que, se a indisciplina ocorre, é porque alguns professores estão, de alguma forma, abandonando seus alunos e, dessa forma, essa pergunta fica no ar: será que a indisciplina é culpa do professor ou do aluno? Cabe a cada professor responder tal pergunta e refletir sobre o assunto.

## **8 IMPORTÂNCIA DO LÚDICO NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

Há algum tempo, a maioria dos profissionais da educação infantil talvez não soubesse do valor e da importância do lúdico na primeira etapa da educação básica, que é a infantil. Talvez não soubesse nem mesmo o significado da palavra lúdico que, segundo Aurélio Buarque de Holanda Ferreira, vem a ser um adjetivo relativo a jogos, brinquedos e divertimentos.

A educação infantil contempla a faixa etária de zero a seis anos e é, exatamente nessa fase, que a criança mais gosta e necessita de jogos, brinquedos, brincadeiras e divertimentos.

Hoje, sabemos que todas essas atividades e toda ou qualquer forma de agradar e satisfazer uma criança é algo que existe desde o começo do século. Antigamente essas formas eram mais simples e, às vezes, as próprias crianças confeccionavam seus brinquedos, havia mais ilusão e imaginação. Quando uma criança brinca, quer sozinha ou com outras, parece que entra em êxtase e, por alguns momentos, o mundo pára e tudo fica mais colorido, com mais vida, é o faz de conta em ação.

Naquele tempo, talvez, nem pais nem professores tivessem a noção da importância do brincar como forma de desenvolver a estrutura cognitiva de uma criança. Hoje, muita coisa mudou. Por mais que a tecnologia tenha avançado, criando brinquedos sofisticados, o brincar

---

ainda existe e se manifesta de modo diferente, mudado, transformado, com brinquedos eletrônicos, mas ainda, como forma mais saudável de se ver uma criança crescendo.

Se pais e educadores parassem para ver o brincar não só como transmissor de alegria, passariam a ver isso como fonte de desenvolvimento, como ação mais importante que separa o mundo adulto do infantil. É uma metodologia que atende ao interesse de toda criança, permitindo à mesma entender e organizar suas experiências e ainda a lidar com suas emoções, levando a criança a manter equilibradas as tensões provenientes do mundo exterior ao seu.

É a forma que a criança encontra para desenvolver potencialidades na esfera moral, afetiva, cognitiva, motora e social, adquirindo saberes e culturas com o decorrer do tempo e de acontecimentos, construindo sua individualidade.

Hoje, a nova LDB (Lei 9394/96) e o PNE (Lei 10171/01) visam a importância de se oferecer uma educação de qualidade para a educação infantil, a fim de que as crianças possam ter acesso à área de lazer e assim desfrutar de brinquedos pedagógicos e não pedagógicos, entre outras atividades, para que possam desenvolver o enorme potencial humano que é caracterizado nessa fase, em que qualquer estímulo tem o poder de influenciar no desenvolvimento da inteligência. Assim sendo, o brincar é claramente necessário nesse período.

Vários educadores se perguntam como fazer uma ou qualquer atividade que envolva uma ação entre corpo e mente com brinquedos e que esta venha a se transformar em aprendizagem e desenvolvimento.

É importante frisar que não existem fórmulas prontas de qualquer ação que promova alegria e descontração, mas o que se pode fazer é formular brincadeiras com o intuito desejado, atingindo, assim, o objetivo proposto. Nesse momento, o brincar implica em relacionar-se, interagir, confrontar criança com criança e, assim, pode-se dizer que é o instrumento mais utilizado para desenvolver e construir o conhecimento infantil.

Existem várias formas de brincar desenvolvendo habilidades: no lúdico, a criança evolui do real para o imaginário, desenvolvendo o prazeroso faz de conta; é nessa fase que a criança inicia a formação da personalidade.

Quando a criança imita alguém, seja a mãe ou a professora, nesse momento, ela está construindo seu potencial. Outras formas de brincar e aprender são os jogos, mas não é fácil compreendê-los por ser uma palavra forte e marcante para a idade em questão. É preciso astúcia e paciência para entendê-los e ensiná-los, pois é através de jogos que se adquirem noções de

valores, tais como, respeito, união, colaboração, solidariedade, justiça e responsabilidade, dentre muitos outros que a criança precisa construir para que venha a ser no futuro um cidadão preparado e atuante, crítico e participativo, em um mundo cheio de mudanças e expectativas.

Embora, na maioria das vezes, o jogo cause o desprazer, ele ainda é a melhor forma de impor regras e limites para a criança, levando-a a se desenvolver e se expressar espontaneamente.

Assim é necessário que haja motivação, interação nos brinquedos e brincadeiras. Hoje em dia, embora sabendo dessas vantagens e qualidades do brincar, o brinquedo não é considerado, por muitos educadores, como sendo o principal aspecto da infância, ainda assim é através dos mesmos as crianças vão formando opiniões, argumentos e aprendem a decidir e escolher.

Portanto, é necessário que o educador incentive e valorize as atividades que envolvam o brincar, pois esse, na infância, implicará mais tarde na confiança em si mesma.

## **9 NOTAS SOBRE A EDUCAÇÃO INFANTIL**

No cotidiano de uma escola de Educação Infantil, adultos e crianças, tendo a chance de se conhecer:

As instituições são vistas como a segunda família da criança, onde ela recebe atenção, cuidados e educação, visando ao seu bem estar de modo que elas se sintam seguras e orientadas no convívio com outras crianças e adultos que somam esforços para atendê-las da melhor forma possível.

No dia-a-dia com as crianças, a convivência entre elas e os adultos possibilita o conhecimento de cada uma, suas necessidades, desejos e, assim, elas mesmas vão se conhecendo e conhecendo também os desejos e necessidades dos outros.

O professor tem que estar bem preparado para receber esta criança. O meio ambiente, onde estas crianças vão estar, tem que ser bem planejado, estimulador, aconchegante, atraente para que a criança possa se desenvolver plenamente. O professor vai ser um mediador entre o ambiente e a criança, fazendo com que ela vá se descobrindo e descobrindo o mundo.

Para que a criança se sinta motivada, é preciso que o ambiente seja estimulador, que haja interação entre ambos; as atividades têm que ser diversificadas para que atendam a todos porque cada um tem sua necessidade.

---

Para que isso aconteça, o professor tem que estar bem embasado em teorias para conhecer os estágios de desenvolvimento, ao planejar a sua aula, e, assim, conseguir atingir seus objetivos.

É possível afirmar que as crianças são pesquisadoras em potencial, pois estão sempre atentas a tudo o que está à sua volta. O professor é o mediador entre as crianças e o mundo, ele tem a responsabilidade de cuidar, educar, desempenha um papel fundamental no processo de desenvolvimento infantil, pois serve de intérprete entre elas e o mundo que as cerca.

Um aspecto que deve ser considerado, no processo de desenvolvimento, refere-se à participação do adulto na construção da auto-estima das crianças. É preciso estabelecer um clima de respeito e confiança para que as crianças possam se sentir apoiadas em todos os momentos.

Outro ponto importante são os limites que devem ser colocados, pois as crianças devem aprender que nem tudo gira em torno delas. Cabe também ao adulto favorecer-lhes um desenvolvimento mais autônomo. A instituição representa também um desafio para a capacidade da adaptação das crianças. No entanto, quando falamos em adaptação, geralmente pensamos em adaptação apenas das crianças. É preciso considerar que também pais, mães, responsáveis, professoras e atendentes passam por um período de adaptação frente àquela criança que chega na instituição. Não devemos ter pressa para que a criança se adapte ao novo ambiente, afinal cada um tem seu ritmo próprio. Devemos respeitá-las em suas manifestações de medo e ansiedade. Cabe à instituição estabelecer-se possível, um sistema de adaptação gradativo para cada criança.

Entre essas adaptações, estão várias manifestações entre elas: o sono; o choro; a sexualidade; brincadeiras; chupetas; etc.

Planejar atividades, fazer uma boa organização do trabalho, possibilita ao educador ter uma direção nas tarefas a que se propõe, bem como oferecer segurança às crianças, permitindo-lhes, desde muito pequenas, a compreensão de que vivemos num mundo organizado, onde coisas acontecem numa sucessão de tempo: antes, durante e depois.

O estabelecimento de uma seqüência básica de atividades diárias é o que denominamos rotina, onde podemos prever os horários de funcionamento, que propostas serão interessantes para fazer às crianças, pensando em como elas são e o que preferem fazer, o que é possível planejar no espaço de que dispomos dentro e fora da sala de aula, que matérias temos à nossa disposição.

O tempo de concentração de uma criança varia de uma para outra, por isso temos que planejar bem. Podemos citar como sugestões: atividades alternativas, livres, coletivas e físicas.

A instituição de Educação Infantil é um espaço pedagógico onde o adulto tem o importante trabalho de mostrar o mundo para as crianças e diversificar ao máximo o lugar das atividades, sempre dando oportunidade a passeios, atividades dentro e fora da sala de aula, proporcionando maiores interações e leituras de mundo.

As atividades propostas devem ser desafiadoras, significativas e prazerosas, possibilitando sempre novas descobertas.. Devemos considerar, também, os imprevistos como possibilidades de novas aprendizagens e desafios na reorganização do trabalho.

Sendo assim, conseguiremos formar cidadãos críticos, autênticos, humanos e capazes de transformar o meio em que vivem.

#### **AUTORES:**

**PINHO, G. F. de A.; GOBBI, G. A. A.; SEVERO, M. F. T. dos S.; OLIVEIRA, W. de J. C.; OKANO, D. C.; SILVA, L. C. da; CAETANO, S. C.; SILVA, T. C.; REQUI, C. M. dos S.; SOUZA, M. A. de; SILVA, J. R. da; CORREIA, M. B.; FRANCISCO, P. A.; SANTOS, M. G. dos; SILVA, R. M. da; BETTINI, R. de F. V.; BERNARDES, V. S.; FREITAS, D. F. de; ORLANDO, A. P. L.; COLMANETTI, D. C.; FLAUZINO, G. E.; OLIVEIRA, L. dos S. de; GROU, R. M. F.; GOBBI, M. J. S. M.; GONÇALVES, N. M. G.; RIBEIRO, S. M. B.; CASTRO, C. J. de; SANTOS, V. M. dos; RIQUEL, T. M. de S.; MOREIRA, D. M. F.; MARTINS, C. R. A.; SOUZA, L. de; CASTRO, F. C. G. de; JESUS, S. B. de; OLIVEIRA, E. A. da S. de; SILVA, G. C. da; FRESSATTI, E. C.; INÁCIO, D. L.**

#### **REFERÊNCIAS**

- ANTUNES, C. **Jogo para estimulação das inteligências múltiplas.** São Paulo: Cortez, 1998.
- ALVES, R. **Entre a ciência e a sapiência.** O dilema da educação. São Paulo: Loyola, 2001.
- COSTA, C. **Os gritos da galera:** as questões da adolescência hoje. São Paulo: Moderna, 1996.
- KISHIMOTO, T. M. **O brincar e suas teorias.** São Paulo: Pioneira, p.172, 1998.
- \_\_\_\_\_. **Jogo, brinquedos, brincadeira e educação.** 4. ed. São Paulo: Cortez, p.183, 2000.

PINTO, L. F. **Aluno-problema ou professor-problema.**

SERRÃO, M.; BALEIRO, M. C. **Aprendendo a ser e conviver.** São Paulo: FTD, 1999.

TIBA, I. **Sexo e adolescência.** São Paulo: Ática, 1993.